

Uma biblioteca familiar

Leonardo Costaneto

O quartinho dos fundos, entulhado, de um mês atrás, já foi até um canil. Nele, Tufão e Pelé, dois cachorrões, ficavam presos, tamanha sanha dos bichos em atacar quem passasse, desavisado, do portão. Compor um ambiente é, em primeiro lugar, pensar que e o que vai estar nele, além de o que se pretende fazer ali. No meu caso, depois da separação, parte da biblioteca do nosso apartamento ficou na ex-sogra, parte na casa da ex-esposa, outra parte no nosso apartamento e, mais um bocado de caixas, na casa da minha família. De Maupassant a Hemingway, de Homero a Lorca e Silvina Ocampo, mais de mil livros dispersos.

Lembro-me de *Dispersão*, do poeta português Mário de Sá-Carneiro, para mim, o maior poeta português, fundador do Modernismo: queria reunir-se ao todo, ser parte do Absoluto, mas sempre pairava nas regiões intermediárias, disperso... A seu modo, meus livros ficaram por aí, em caixas, malas, cantos, sótãos e armários. Mas se aprende com tudo, até com o que é ruim. Descobri que livros não podem ficar para sempre guardados sem ser lidos. Afora os meus clássicos pessoais e os autores que edito, desfiz-me de grande parte desse acervo retalhado, partido e repartido, doando caixas e mais caixas para escolas e amigos.

Por causa da pandemia, passei a ficar mais tempo em casa, disputando o reduzido espaço do apartamento de dois quartos, com minha esposa e filha, ambas, aturdidas pelas aulas *on-line*. Impossível trabalhar. O caminho foi revirar o quartinho da casa materna e colocar a mão na massa. João, o pedreiro, garantiu: uma semana e resolvo tudo com a minha equipe! Foi um mês e meio de obra, com dezenas de barricas de cimento, massa corrida, grafiato. Latas e latas de tintas, pisos que carregamos no carro 1.0 que mal podia subir o morro. Entulho, muito entulho. Muitas quinquilharias. Umas foram para a caçamba, outras renovamos com boas ideias e transformamos em móveis exclusivos pelos quais pagaríamos uma nota! E haja fios, lâmpadas, soleiras de porta. Haja lixa, parafusos e buchas! E haja panelas de arroz, feijão e carne para a tropa de pedreiros entrincheirada no quintal.

Dias de luta, noites sem sono, computando notinhas de depósitos de construção, calculando metros quadrados, sonhando, finalmente, com a reunião dos meus livros comprados desde antes da época da faculdade. Finalmente, temos, uma biblioteca em casa, na casa de minha mãe, uma mulher nordestina que saiu de casa aos treze anos com nada além do primário, uma mulher que criou meia dúzia de filhos, deu abrigo a animais abandonados e a amigos. Ainda não há livros nas prateleira. Deixo-me guiar furtivamente ao antigo quartinho, ao canil das feras e contemplo tudo, admirado, como quem se dirige a um altar. Descobri, afinal, que uma biblioteca não se faz somente com livros, mas com muito tijolo, massa e trabalho.